

# CORRIDAS DE REVEZAMENTO

Tte. BENTO DAVID GOMES

A idéia de corridas de revezamento é muito velha. Na antiguidade já se usava como meio de comunicação com o fim de fazer uma mensagem chegar, o mais depressa possível, ao seu destino.

No atletismo moderno as provas de revezamento foram incluídas, pela primeira vez nos **Jogos Olímpicos** realizados em Londres em 1908, onde a prova de 4.400 foi ganha, pela equipe dos Estados Unidos da América no Norte, com o tempo de 3,29,4.

Em 1912, nos **Jogos Olímpicos** em Estocolmo, se correu pela primeira vez, o 4/100, tendo vencido a equipe da Inglaterra com o de 42,4.

O record **Olímpico** atual pertence aos americanos, com o formidável tempo de 39,8, cuja equipe foi constituída por Owens, Metcalphe, Drapper e Wykoh.

Nas competições de atletismo são, sem dúvida, os revezamentos as provas que mais empolgam a assistência, não só pela disputa prolongada como pelo nervosismo nas passagens do bastão. Basta um simples descuido dos atletas para que se perca, muitas vezes, segundos inteiros, quicá a prova.

Em Berlim, nas Olimpíadas de 1936, a equipe alemã "feminina" de 4/100 franca favorita, perdeu a prova por ter uma das concorrentes deixado cair o bastão.

Existem quatro processos de passagem do bastão: americano — alemão — alemão modificado e o francês.

## Processo americano: —

No processo americano o atleta recebedor faz um arco com o braço, apoiando os dedos na altura da cintura, tendo as falangetas tangenciando o corpo na altura da crista ilíaca anterior superior.

O entregador conduzindo o bastão na mão esquerda, deve colocá-lo na direita do recebedor e éste, na primeira passada, depois de recebê-lo, passa-o para a mão esquerda em condições tais, que facilite a entrega ao corredor seguinte. Este processo tem a desvantagem de obrigar o entregador a aproximar-se do recebedor, o que ocasiona uma pequena perda de tempo, que multiplicada por 3 (três) irá influir, muitas vezes, na performance da equipe.

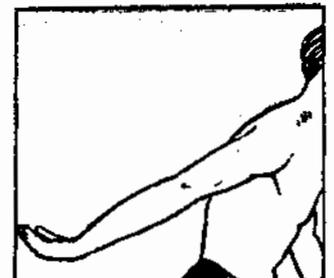
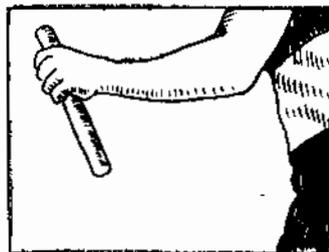
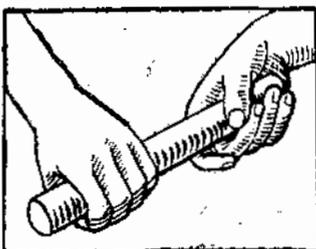
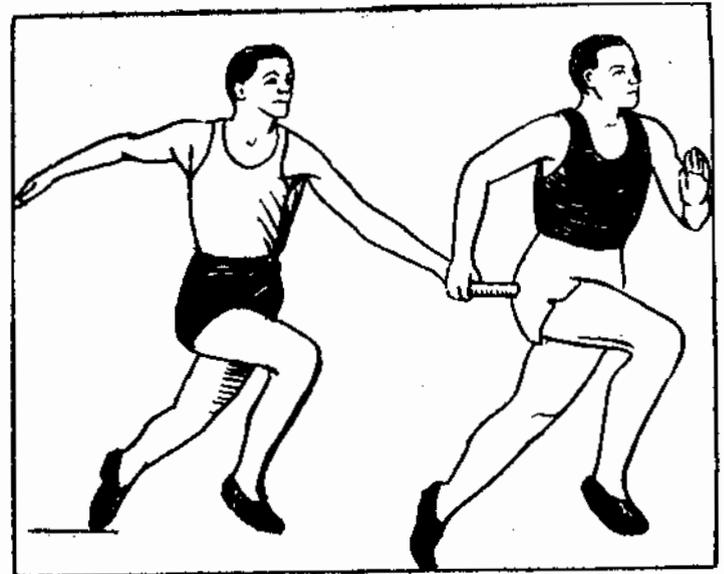
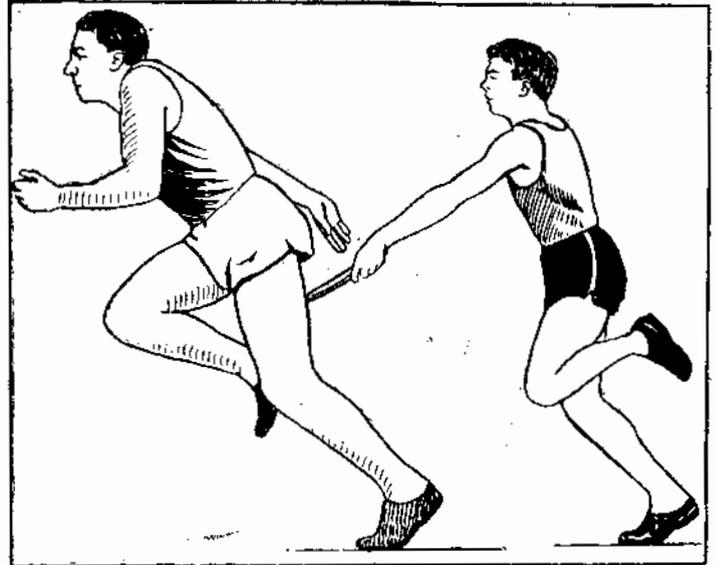
A única vantagem no processo americano é a segurança. Ele foi empregado pelos quatro americanos em Berlim, nas Olimpíadas de 1936, devido a grande velocidade dos mesmos, pois, a equipe compunha-se de um Owens, com 10,2, um Metcalphe com 10,4 e os outros dois com 10,5.

## Processo alemão.

No processo alemão o entregador conduz o bastão como no americano e o recebedor estica o braço para trás, com a palma da mão voltada para baixo, no momento da passagem, enquanto que o entregador faz o mesmo para frente. Com isto, ganha-se tempo, porque o entregador se aproxima menos do recebedor.

## Processo alemão modificado.

Oto Boers, técnico alemão, achou que a passagem do bastão de uma para a outra mão, produzia um pequeno desequilíbrio na corrida, pois que força o movimento dos braços, resultando uma pe-





quena diminuição de velocidade. Por isso idealizou um processo, em que os atletas não necessitam de passar o bastão de uma para outra mão. Nesse processo o primeiro corredor parte com o bastão na mão direita, passa-o para a mão esquerda do segundo e este para a direita do terceiro, etc.

Para que o bastão fique em posição de ser passado, no processo acima, isto é, seguro pela extremidade, o atleta deve comprimi-lo sobre a coxa em elevação, de modo que a mão deslize e venha segurar o bastão pela extremidade.

Processo francês.

No processo francês visa-se evitar a passagem do bastão de uma para a outra mão. O receptor deve esticar o braço para trás, porém, com uma torção de modo que a palma da mão fique voltada para cima. Assim o receptor pega o bastão por uma extremidade, já em condições de passá-lo para o corredor seguinte.

Levando-se em consideração que as pistas de atletismo medem, geralmente, de 400 a 500 metros de perímetro (corda interna) e são construídas em asa de cêsto, dois atletas terão, forçosamente, de correr em curva e os outros dois em reta. Ora, o atleta que corre em curva, deve fazê-lo pela corda interna de raia, dentro da faixa dos trinta centímetros na primeira e junto à linha nas outras. Portanto, numa pista como a da Escola de Educação Física do Exército, por exemplo, que mede 500 metros, o primeiro atleta corre em curva, o segundo em reta, o terceiro em curva e, finalmente, o quarto em reta. Assim, o primeiro homem, correndo por dentro, deverá conduzir o bastão na mão direita e entregá-lo na esquerda do segundo, que correrá por fora, e este conduzindo na mão esquerda, entregará na direita do terceiro que correrá em curva, o qual passará na mão esquerda do quarto corredor. Com isto se evitará o pequeno desvio que o entregador é levado a fazer ao passar o bastão, porque, geralmente, todos os atletas correm por dentro e conduzindo o bastão na mão esquerda.

Falta-nos, agora, estudar as marcas, que constituem a parte principal e o grande segredo do revezamento.

Chamamos de marca, a linha riscada, no chão, pelo corredor que vai receber o bastão, afim de ter uma referência para dar a sua saída. O atleta fica com os calcanhares junto à linha e dentro da zona de passagem, com os pés paralelos e ligeiramente afastados, as mãos apoiadas nos joelhos e olhando para trás com os olhos fixos na marca. Quando o entregador tocar o pé na referida linha, o receptor parte com todas as forças e sem olhar para trás e disposto a não ser alcançado pelo companheiro. Porém isto deve se dar no terço final da zona de passagem, tendo em vista a velocidade do entregador que é muito maior do que a sua, no momento, pois que a finalidade do estabelecimento da marca é justamente esta. O entregador deve alcançar o companheiro e nunca ultrapassá-lo.

A marca é conseguida por meio de grande número de tentativas dos atletas dois a dois. Podendo-se partir de uma distância de 19 pés (do atleta), aproximando-se a linha de partida do receptor se o entregador não alcançá-lo dentro da zona de passagem, e, afastando-se se ultrapassá-lo.